

**AJES-FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO
DO VALE DO JURUENA
CURSO: PÓS EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E EDUCACIONAL**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Autor: Cleide Caravaja Martins

COLIDER/2012

**AJES-FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO
DO VALE DO JURUENA
CURSO: PÓS EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E EDUCACIONAL**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Autor: Cleide Caravaja Martins

Orientador:

“Projeto apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Educacional”.

COLIDER/2012

CRONOGRAMA

Atividades	Data
Levantamento bibliográfico	Setembro
Leituras e documentos	Outubro
Redação final	Novembro

JUSTIFICATIVA

Por muitos anos o conhecimento foi tido como algo separado da emoção. A divergência entre razão e emoção perdurou por longas eras e foi muito defendida por filósofos de relevância. Essa divergência influenciou fortemente toda a nossa maneira de organização social e inclusive nossa forma de refletir e pensar sobre os mais diferentes aspectos da convivência humana, inclusive a educação. No entanto, apesar de trazer benefícios, essa concepção trouxe também muitos problemas para educadores e alunos, sendo o maior deles o descaso para com a relação afetiva entre professor e aluno

A educação tem como finalidade a preparação do educando para o exercício da cidadania; é o que explicita a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96, Art. 2º, P. 5). Entretanto, a forma como vêm sendo conduzidas as relações interpessoais no âmbito educacional, principalmente a relação professor/aluno, tem produzido indivíduos com autoestima fragilizada, sem consciência de si mesmos e de suas capacidades. Por isso, é preciso que se reconsiderem algumas posturas adotadas pelo professor, bloqueadoras da aprendizagem do aluno.

Levando-se em conta que a escola tem a função de levar o aluno a adquirir conhecimentos sistematizados, mas levando-se em conta o contexto social de hoje, a escola acaba assumindo também a responsabilidade de desenvolver habilidades sociais, que antes eram apenas de responsabilidade da família. Fica claro, dessa forma, que a relação família-escola é importante no desenvolvimento sadio do indivíduo.

Márcio Ferrari (2004) salienta que, o ensino tem como função principal, levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais. Nas primeiras séries do ensino fundamental, a relação entre professor e aluno, carece de um clima de maior afetividade, visto que, nessa fase de escolaridade, o aluno faz do ambiente escolar uma extensão do lar, em busca de segurança e afeto. Entretanto, diante dos problemas enfrentados pelos professores, já na Educação Infantil, fazemos as seguintes indagações: Como anda a relação professor-aluno, na sala de aula? Nós, professores, estamos contribuindo para o desenvolvimento afetivo-sadio de nossos

alunos? Uma pedagogia, baseada no afeto, facilitaria o processo ensino aprendizagem?

Essas indagações nos levam a refletir sobre a relação afetiva entre professor e aluno, e as implicações desse afeto na aprendizagem.

Acreditamos que *“não dá para ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante”* (MELLO, 2004: 18), no contexto atual, é necessário que a escola procure comprometer-se não apenas com o desenvolvimento cognitivo do educando, mas principalmente com seu desenvolvimento socioemocional.

Podemos perceber, vivenciando o assunto, que na maioria das unidades escolares não ocorre à afetividade, pois o aluno é visto como mero objeto de aprendizado, ou seja, um ‘lugar’ onde o conteúdo deve ser depositado.

Precisamos quebrar os paradigmas e pensar na criança como um todo, um todo formado de emoções, sensações e amor. Por isso é necessário que deixemos um pouco de passar apenas os conteúdos e passemos a pensar na criança e no seu bem estar, psicológico, físico e cognitivo.

Este trabalho tem o objetivo maior desencadear reflexões que despertem nos profissionais da educação a compreensão de que o aluno necessita de um tratamento acolhedor e humanizado, principalmente aqueles que se encontram no início da escolarização. Assim, pretendemos através desta pesquisa bibliográfica estudar a relação afetiva entre professor e aluno, considerando sua importância no processo ensino-aprendizagem.

SITUAÇÃO PROBLEMA

Repetidas vezes nos deparamos com casos que refletem a ausência de métodos pedagógicos que respeitem as diversidades de ser, existentes em sala de aula. Com isso, é cada vez mais comum nos deparar com professores que reclamam de alguns alunos problemas, assim chamado, por não conseguirem um relacionamento satisfatório dentro da sala de aula.

Sabe-se, porém, que algumas dificuldades existem nesta relação professor e aluno, e que muitos alunos, em especial nas séries finais do Ensino Fundamental, são encaminhados para a Sala de Orientação Escolar desde o começo de sua vida estudantil com o rótulo de “problema”. Tendo em vista que uma grande porcentagem destes “problemas” pode ser de cunho afetivo e que, acontecendo com certa frequência, pode comprometer a autoestima deste aluno, busquei, por meio desta pesquisa, buscar respostas para respostas que surgiram a partir destas observações inquietantes.

Este trabalho tem como proposta desvelar a relação existente em sala de aula na relação professor/aluno no que diz respeito à afetividade como fator fundamental para a valorização da autoestima do aluno e, com isso, responder a algumas inquietações que procurei utilizar como questões norteadoras para a pesquisa como: Que vínculo pode existir na relação entre professor e aluno que pode influenciar na construção da autoestima do aluno e conseqüentemente em sua aprendizagem? Como os professores reagem diante de um aluno indiferente ou agressivo? Existe relação entre a afetividade e a falta de interesse escolar?

OBJETIVOS

GERAL:

- ✚ Refletir sobre a afetividade como fator importante no relacionamento professor/aluno, desenvolvendo análises sobre a interligação entre a aprendizagem e afetividade.

ESPECÍFICOS:

- ✚ Analisar que ações pedagógicas favorecem a afetividade no trabalho do professor.
- ✚ Discutir a postura do professor diante de dificuldades no relacionamento com alunos.
- ✚ Identificar as dificuldades na relação professor e aluno, que envolvem a questão da afetividade com a aprendizagem.

METODOLOGIA:

Este trabalho será desenvolvido com um estudo qualitativo de cunho bibliográfico em que, por meio desta metodologia, poderemos compreender os acontecimentos históricos educacionais e as relações sociais que indicaram a trajetória da relação professor e aluno, tendo como ponto fundamental a questão afetiva na formação do aluno e sua vinculação com o processo educacional.

Desta forma, por buscar a análise histórico-crítica da relação professor e aluno com observações e leituras, acredito que o contato com autores que tratam deste tema proporcionará um esclarecimento maior e oportunizará melhorias no desempenho profissional na área educacional, haja vista que as leituras abrem as mentes e concretizam ou mudam ideias que formamos no decorrer de nossa vida.

Para que o referencial teórico transcorresse de forma positiva e que o desafio proposto se transforme em um grande aprendizado, houve a necessidade de um trabalho de fichamento de livros, textos, periódicos pesquisados, estruturação dos capítulos e análise bibliográfica. Desta forma os autores pesquisados foram: Aminah Clark & Harris Clemes & Reynold Bean (1995), Ana M. Bock (1998), Celso Antunes (1996), Dorothy Briggs (2000), Eliete A. Godoy (1997), Firmino Sisto & Gislene Oliveira & Lucila Fini (2000), Gabriel Chalita (2001), Içami Tiba (1999), Luis C. Menezes (2000), Marta Kohl (1998), Menga Ludke (1996), Maria da Glória Seber (1997), que descrevem a respeito da relação afetiva no comprometimento da formação da autoestima e, conseqüentemente, o desempenho do aluno no processo ensino-aprendizagem.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - A INFLUÊNCIA SOCIAL NA FORMAÇÃO INICIAL DO AUTOCONCEITO

O desenvolvimento humano não está fundamenta apenas em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. Assim, a sala de aula é um grande laboratório para que se observe e questione os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno, muitas vezes, a ficar desgastado e sem estímulo.

Sabe-se que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado, contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção da autoestima. Sendo assim, sua importância em toda relação é fundamental para os sujeitos envolvidos. Logo, a relação entre professor e aluno, deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuo das diferentes ideias.

Vale ressaltar que a tarefa de educar deveria ser, para a maioria das famílias e professores, uma função tão natural quanto respirar ou andar. No entanto, educar apresenta em suas ações familiares e educacionais, e dentro de teorias consideradas ideais, uma complexa tarefa a ser desempenhada.

O contato com diferentes grupos sociais possibilita a construção do autoconceito da pessoa. A família e outras pessoas que convivem com a criança, fazem parte do seu primeiro grupo social representando neste momento, seu contato afetivo, que pode ser positivo ou negativo, influenciando no futuro desta criança. O autoconceito que essa criança terá de si refletirá em suas ações e na forma como será tratada ou mesmo percebida pelos outros.

Quando a criança ingressa na escola e tem uma visão negativa de si, demonstra um comportamento diferente dos demais colegas como, agressividade ou apatia e, na maioria das vezes é considerado preguiçoso, desatento, irresponsável, ou seja, “aluno-problema” e, automaticamente, encaminhada pela professora a Sala de Orientação Educacional, pois seu desempenho escolar apresenta-se comprometido. Porém, a questão está relacionada a inúmeros fatores, inclusive, no autoconceito que este aluno faz de si, quando não acredita no seu potencial de resolver situações desafiadoras e desanima no primeiro obstáculo que encontra.

Por isso, a escola, enquanto segmento de grupo social que constrói diferentes relações, deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da autoestima do aluno. Para OLIVEIRA (1998), o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que, desenvolvem-se paralelamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

O afeto apresenta várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, tristeza, etc) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas...). Para SEBER (1997), dentro da teoria de Piaget, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência e, é responsável pela ativação intelectual. Com suas capacidades afetivas e cognitivas expandidas através da contínua construção, as crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados nelas mesmo. Neste aspecto, a autoestima mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender. O afeto é o princípio norteador da autoestima.

Desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se conquistas significativas para o autocontrole do aluno e seu bem estar escolar. Percebe-se uma forte relação entre professor e aluno, influenciando na formação da autoestima, pois o professor que não tem amor pela profissão, e apresenta diferentes reações diante de um aluno indiferente ou agressivo, pode comprometer o desenvolvimento escolar da turma.

Segundo BEAN et al, (1995), a autoestima afeta o aprendizado. As pesquisas sobre a autoimagem e o desempenho escolar mostram a forte relação entre a autoestima e a capacidade de aprender. A elevada autoestima estimula a aprendizagem. O aluno que goza de elevada autoestima aprende com mais alegria e facilidade. Enfrenta as novas tarefas de aprendizagem com confiança e entusiasmo. Seu desempenho tende a ser um sucesso, pois a reflexão e o sentimento precedem a ação, demonstrando firmeza e expectativas positivas, diferente de um que se sente incompetente, fracassado.

O desempenho bem-sucedido reforça seus bons sentimentos. A cada sucesso alcançado, ele se considera mais competente. Sua capacidade de enfrentar desafios é maior e mais saudável psicologicamente do que daquele que tem uma visão negativa de si, pois se acha um derrotado e teme situações que possam expor seus pensamentos e sentimentos.

Teóricos da educação, educadores e autores tratam da afetividade como fator preponderante para a construção do autoconceito do aluno. Ela vem sendo abordada com mais intensidade, porque a violência, a agressividade e o desrespeito vivido hoje pela maioria das pessoas podem ter causas de fundo afetivo, por conta da falta de valorização da pessoa como ser humano. Desta forma, inevitavelmente, seu autoconceito é alterado.

OLIVEIRA (1998), aborda as ideias de Vygotsky que sempre se preocupou com o aprendizado inserido no desenvolvimento sócio-histórico da pessoa como um processo que apresenta diferentes fases que estão interligadas entre si. Independentemente da fase que esteja vivendo, o ser humano está convivendo com grupos diversificados de pessoas que, contribuem a todo o momento com a construção de sua autoestima.

Na tentativa de mudanças das práticas pedagógicas, algumas escolas começam a investir na formação do professor, buscando referenciais teóricos que auxiliem no desempenho do aluno no processo ensino-aprendizagem, tendo como base a afetividade como resgate da autoestima, procurando assim atenuar as dificuldades de aprendizagem como de relacionamentos interpessoais encontradas pelos alunos.

Observa-se que cada vez mais os casos de agressões e desrespeitos verbais entre alunos e professores vêm aumentando nas escolas e na comunidade externa, despertando, em alguns educadores e pais, a preocupação em resgatar nestes alunos e professores uma relação de afetividade considerada fundamental para que situações como estas sejam superadas.

Para SISTO (2000), a pesquisa realizada com jovens da cidade de Campinas foi uma considerável colaboração para os estudos sobre afetividade, pois teve como objetivo verificar se a autoestima pode ser alterada numa situação de provação. A pesquisa também observa que, durante todas as fases da vida, desde a infância, a adolescência e a fase adulta a autoestima passa por mudanças, ocasionadas pelas situações e pelo próprio contexto social vivido.

Ninguém nasce bom ou mau, porém o autoconceito que cada um tem de si e a visão que o próprio mundo tem de cada pessoa, faz com que ela acredite nesta imagem e viva como tal.

Assim, a pessoa marginalizada, discriminada, sente a rejeição em sua vida e passa a considerar-se inferior aos outros e na maioria das vezes pessimista, tornando-se muitas vezes agressiva, hostil ou indiferente, apática. Em contrapartida, a pessoa que é amada e em quem depositamos confiança cresce com uma imagem positiva e enfrenta os desafios que surgem com mais otimismo e segurança. Demonstra alegria, determinação e afetividade nos relacionamentos que constrói, vendo-se em cada ser humano que encontra pela frente.

1.2 - O PAPEL DA ESCOLA NA CONCEPÇÃO DO AUTOCONCEITO

A questão da afetividade e autoestima é uma preocupação mundial. Todos os segmentos da sociedade têm essas abordagens em seus discursos e buscam práticas que possam condizer com o que acreditam verdadeiramente. A afetividade no trato com as pessoas é um pressuposto do que autores referem-se como o resgate a valores humanos esquecidos por nós que estamos envolvidos com a agitação do dia a dia.

Acreditando nisto, ANTUNES (1996, p.56) afirma que a relação professor e aluno deve ser baseada em afetividade e sinceridade, pois se um professor assume aulas para uma classe e acredita que ela não aprenderá, então está certo e ela terá muitas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desenvolvimento da classe, ele alcançará mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho.

Como se pode ver a escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a esta busca. Entretanto, apropria-se de pensamentos de teóricos como WALLON, PIAGET e VYGOTSKY, para basear suas ações pedagógicas e transformar a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo ensino-aprendizagem.

Tais conhecimentos perdem sua validade quando professores e técnicos não estão comprometidos com mudanças em suas ideias tradicionais ou posturas, que trazem ranços de práticas escolares que apenas depositam informações nos alunos, desconsiderando assim a afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, é preocupante o número de casos que mostram alunos envolvidos em agressões entre colegas ou discussões com professores, casos estes, que observados em sua essência, demonstram carência afetiva, demonstrando que o conceito que o aluno tem de si é negativo.

Sabe-se, no entanto, que a escola não é a solução para todas as dificuldades existentes do ser humano, porém, como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico, pode e deve contribuir para mudanças significativas na relação professor e aluno, pois, além da sala de aula que oferece conteúdos e provas, a afetividade está presente em cada ação e busca seu espaço no espelho que a turma repassa aos técnicos quando dispõem do diário de notas, conselho de classes, conselho escolar e tantos outros instrumentos e setores que retratam esta relação.

Para TIBA (1999), cuidar é mais que um ato, é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo. Por isto, é preciso cuidar da terra antes e depois da semente ser lançada, para que a planta possa crescer, florescer e dar bons frutos.

Por conseguinte, para a construção da autoestima é necessário buscar a responsabilidade e não a culpa, criar um clima de confiança que faça com que a pessoa sinta-se genuinamente aceita, compreendida e respeitada, sentimentos que ajudam a trabalhar núcleos emocionais que bloqueiam condutas inadequadas. Os educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas e que bons sentimentos são importantes.

No entanto, alguns professores desconhecem seu papel de “espelho” dentro de uma sala de aula, esquecendo que seus alunos os admiram e estão preocupados em ser iguais a eles, acabando por imitá-los em suas atitudes e até pensamentos. Se os professores percebessem essa imitação sem dúvida procurariam policiar suas palavras e posturas. Que maravilhoso seria se professores e alunos pudessem espelhar-se em fatos e pessoas positivas, que emanassem confiança, autonomia e sinceridade.

Esperam-se mudanças na educação a partir de conscientização de novas metodologias que insiram cada vez mais o aluno em uma vida escolar que retrate sua realidade e que busque a contextualização, porém, olhando-se de outro prisma, a solução para a educação pode estar no afeto. Afeto este que inclua, que

proporcione crescimento e valorização do ser humano e reconhecimento pessoal como sujeito ativo na construção da história.

Mais do que aula, muitas vezes o aluno vai para a sala de aula em busca de respostas que esclareçam o seu verdadeiro papel na sociedade. Considera esta escola, como grupo social que pode contribuir para sua formação como cidadão e, na maioria das vezes, o professor não se preocupa com o tipo de aluno que está convivendo, muito menos, em estabelecer um vínculo afetivo mais forte nesta relação favorecendo atitudes positivas que favoreçam na formação da autoestima do aluno.

Neste sentido, a emoção será compreendida dependendo da ativação ou redução da afetividade, no entanto, o autocontrole não é uma habilidade que se desenvolve naturalmente dada à maturação temporal da criança. Todas precisam de uma aprendizagem específica, pois uma relação é algo que se constrói dia a dia, no entendimento de si e do outro.

Por isso, é preciso que se tenha cuidado com as palavras escolhidas para a comunicação, levando em consideração o tom de voz que deve ser firme e não acusador e padrões de linguagem que encorajem a autoavaliação e o automonitoramento por parte da própria criança, fazendo com que ela aprenda a amar-se, conhecendo seus limites pedindo ajuda quando necessário.

1.3 - A AUTOESTIMA E A APRENDIZAGEM

Aprender o valor do autocontrole na infância não significa apenas ser passivo, pelo contrário, significa ter capacidade de discriminar os contextos apropriados para falar, brincar, rir... É preciso aproveitar o melhor das possibilidades da infância nas diferentes situações, de forma a beneficiar-se com o que tais situações podem proporcionar ao seu desenvolvimento.

Crianças não aprendem sozinhas, precisam de apoio para aprenderem a manter seu comportamento direcionado a uma meta, com aprendizagem consistente de valores que as guiem.

Segundo BRIGGS (2000), a autoestima das crianças não é formada unicamente em uma fase, mas eternamente construída e sujeita a mudanças, por isso a base familiar e escolar desta criança deve ser segura e confiante para que possa superar as dificuldades da vida com mais facilidade.

A escola está, a todo o momento, buscando mudanças para que possa melhorar a qualidade do ensino e, o professor em sua formação continuada tem contato com novas metodologias que sugerem o respeito pela produção do aluno, valorizando o que consegue fazer e incentivando o que pode vir a fazer.

Necessariamente o professor deve rever as práticas pedagógicas que apenas preocupam-se com o conteúdo a ser trabalhado, avaliando somente o lado cognitivo, e com isso, desprezando o que o aluno tem a oferecer ou precisa receber, que é a afetividade nesta relação, favorecendo assim, um melhor desempenho.

No entanto, alguns professores temem esta mudança na postura por considerar liberalismo sem repressão, despertando no aluno a rebeldia, agressividade por não apresentar referencial de limites, porém, o que se pretende não é tirar a autoridade pedagógica do professor, mas sim, o autoritarismo que faz da relação escolar, um momento de dor, medo e lembranças tristes.

Neste momento, observa-se que todos nós lembramos de alguns professores que marcaram nossa vida, uns de maneira alegre e amorosa, outros de forma dolorosa, por ter nos feito passar por situações vexatórias ou humilhantes diante da turma, fazendo com que a figura do mesmo se tornasse monstruosa.

É obvio que a afetividade tem grande influência em nossa vida, pois quem gosta de ser maltratado por outra pessoa em uma loja, no cinema? E de ser chamada atenção de maneira grossa na frente de outras pessoas? Ninguém nasceu para sofrer ou fazer outro sofrer. Desta forma, o aluno também tem o direito de receber tratamento que o respeite enquanto cidadão e que trate o outro da forma como vem recebendo atenção.

Vale ressaltar que, todas relações iniciam a partir do momento que as limitações de um são respeitadas, o que favorece o reconhecimento das limitações do outro. A afetividade nas relações deve ser recíproca e permeada em valores verdadeiramente humanos.

Ensinar e aprender é o estabelecimento de uma relação de causa e efeito, é produto da troca das informações e das experiências pessoais entre aprendiz e mestre. Nessa troca ninguém sai ileso e os resultados serão marcantes e especiais, na medida em que marcantes e especiais forem o empenho, a responsabilidade e as influências mútuas de quem ensina aprendendo e de quem aprende se educando.

Neste relacionamento educador-educando o vínculo afetivo será um grande facilitador no processo de ensino aprendizagem, pois, pela criação de um forte vínculo afetivo, a criança não se sentirá sozinha, facilitando, assim, seu aprendizado. Certamente o clima criado será de prazer, acolhimento, alegria, companheirismo, ou seja, prazerosamente o conteúdo será apresentado, as dificuldades serão percebidas e acolhidas como parte do processo, auxiliando-a, desta forma, na superação das dificuldades.

A criança interage livremente com aquilo que descobre à sua volta, sem a influência de ideias preconcebidas. Manipula, experimenta e explora. A criança, cuja curiosidade é aceita como válida, recebe a luz verde para aprender.

Infelizmente, algumas crianças aprendem muito cedo a não aprender. Como isto acontece? É comum a criança utilizar determinado brinquedo ou produtos de outra forma, pois a curiosidade faz com que esta manipulação seja guiada pela imaginação; porém, por uma questão de segurança, as investigações devem ser, em certos casos, limitadas, mas as frequências excessivas destas limitações são desnecessárias. Suas necessidades de descobrir não encontram apoio e a curiosidade é eliminada para evitar a desaprovação.

Logo, a indagação e a experimentação do desconhecido formam a base do progresso em todos os campos. Se essas qualidades, que existem em todas as crianças forem eliminadas, elas sentir-se-ão diminuídas por desejar saber e serem broqueadas.

As crianças não só precisam de uma atmosfera que estimule a curiosidade e a exploração, como também precisam de amplos contatos com uma grande variedade de experiências. Para BRIGSS (2002), “toda criança precisa do máximo de experiência direta possível. Só dessa maneira ela pode chegar a conhecer o seu ambiente pessoal”.

As escolas oferecem, evidentemente, grande ênfase à palavra falada e a escrita, uma prática utilizada no lar, que desenvolve uma habilidade muito valorizada na escola, a linguagem escrita. No entanto, podemos estimular a criança a falar através dos exemplos familiares respeitando as suas ideias e sentimentos. A comunicação realmente aberta só floresce num clima de segurança.

Saber ouvir alguém, pensar a respeito do que foi dito por essa pessoa, é uma forma de valorizar aquilo que ela falou, é a melhor maneira de iniciar um relacionamento, pois, todas as pessoas têm necessidade de ser ouvidas. Assim,

quando se age desta maneira, caminha-se na direção de um diálogo franco, aberto, tendo oportunidade de descobrir o que a outra pessoa realmente quer.

A maior dificuldade encontrada em sala de aula está relacionada à necessidade que os alunos têm de serem ouvidos, respeitados em suas ideias e como sujeitos construtores da história cultural. Logo, apresentam comportamentos diferenciados para serem notados e assim, conseguem a atenção do outro, geralmente, do professor.

Uma prática que está se tornando comum em algumas escolas é de encaminhar a criança que apresenta este comportamento a Sala de Orientação Educacional. O orientador ao ouvir essa criança sabe que seu retorno à sala será com outra postura, haja vista que conseguiu ser ouvido e trocou ideias com o outro, atitude esta que o faz sentir respeitado.

Sabe-se que não se pode atribuir a todo tipo de inadequação em sala de aula do aluno um problema de autoestima, porém, em sua grande maioria é a razão das dificuldades nos relacionamentos. Por isso, a necessidade de valorização pessoal de cada um contribui para um bom desempenho do aluno quer na vida escolar como pessoal.

Vale ressaltar que sempre que a criança apresenta alguma dificuldade em aprender é importante descobrir a causa. A criança, cujas necessidades emocionais não são satisfeitas, tem menos probabilidade de conseguir êxito na escola. O homem com fome, não tem motivação para aprender. Ele tem primeiro, que matar sua fome para depois se concentrar no estudo. A criança que está convencida de ser um fracasso tem pouca motivação para tentar. E a criança com um acúmulo de repressão, não tem muita energia para enfrentar os desafios da escola, porém, os desafios tornam-se interessantes quando se pode enfrentá-los e a autoconfiança é o primeiro segredo do sucesso.

BRIGGS (2000, p.169) afirma em suas observações e análises que, “a causa mais comum do bloqueio ao aprendizado, particularmente em crianças de famílias da classe média, vem da pressão indevida que sofrem para atingir certas metas que estão além de sua capacidade”.

Todavia o excesso de ambição é recebido pela criança como falta de aceitação. Expectativas muito altas significam decepções grandes. E as decepções prejudicam a autoestima. Elas acabam com a energia e a criança passa a ter menos interesse e curiosidade.

Outro obstáculo ao crescimento intelectual é uma disciplina tolerante, protetora ou rígida demais. Os pais dominadores aumentam a hostilidade, a dependência e a inadequação, sentimentos que bloqueiam o funcionamento intelectual. Pais excessivamente protetores, ou pais que se recusam a estabelecer limitações fazem com que as crianças se sintam incapazes e não amadas. Essas atitudes são negativas para a autoestima, que por sua vez afeta a motivação de aprender.

A disciplina democrática desenvolve o crescimento intelectual, estimulando a participação, o raciocínio, o pensamento criativo e a responsabilidade. A divisão do poder no estabelecimento de regras tem um papel importante no estímulo à competência mental. O estudo de Goleman abordado por BRIGGS (2000) mostra que o maior fator para motivar a criança a aprender é a imagem que tem de si, é o sentimento de que “Eu tenho um certo controle do meu destino”.

È perceptível que as crianças que apresentam facilidade em aprender, tem sua autoconfiança intensificada a medida que essa facilidade aumenta com o tempo. Elas tem confiança, a certeza de serem amadas, ficam à vontade com os outros, pensam de maneira mais original. Em suma, apresentam as características de uma elevada autoestima. Entretanto, as crianças que são dependentes, menos seguras de ser amadas, menos capazes de participar de projetos próprios, e que precisam de muita atenção, apresentam dificuldades de aprender.

Estudos apresentam que uma autoestima elevada afeta acentuadamente o modo pelo qual a criança utiliza as habilidades de que dispõe. É certo que outro obstáculo ao aprendizado surge quando as linhas de comunicação estão obstruídas, ou fechadas.

As crianças que se saem bem em suas atividades escolares, vêm, em geral, de famílias onde há muita comunicação. Quando pais e filhos interessam-se carinhosamente pelas atividades mútuas e, quando os filhos se sentem seguros em partilhar suas ideias e seus sentimentos, o crescimento cognitivo e emocional é estimulado.

Ao examinar os obstáculos do aprendizado não se pode desconhecer a importância das boas escolas, dos professores influentes e dos currículos flexíveis, ligados aos interesses das crianças. As crianças autoconfiantes e motivadas podem perder o estímulo de aprender quando se veem em salas de aula muito cheias, com professores incompetentes que usam metodologias ultrapassadas.

Além disso, quando as crianças têm uma participação ativa nas atividades escolares que estão de acordo com seus interesses, elas reagem de maneira muito diferente do que quando são tratadas como simples recipientes vazios, onde se despeja o conhecimento velho dos manuais.

BRIGGS (2000) define a importância da afetividade na vida de uma criança como: “Auxiliar as crianças a desenvolver sua autoestima é a chave de uma aprendizagem bem sucedida”.

Logo, as intenções dos professores terão maiores possibilidades de se concretizarem se as convivências com os alunos lhes proporcionarem satisfação por serem quem são. Não se pode desconhecer, ou ignorar, a característica mais importante da criança – seu grau de autorrespeito.

Paulo Freire explicita que não há educação sem amor, sem o mesmo a profissão de docentes será apenas um ganha pão, sabemos das dificuldades enfrentadas e como a convivência escolar é complicada, mas o que seria da prática pedagógica se não houvesse amor pelo que se faz, é imprescindível a existência da afetividade na relação professor aluno para que efetivamente haja aprendizagem satisfatória.

Por definição o professor é o elemento chave no bom sucesso de uma escola, nas relações humanas dentro dela, no rendimento escolar, no aproveitamento dos alunos. O educador deve ser cidadão consciente, possuindo uma visão crítica de mundo (ou de si), para poder propor situações de aprendizagem para a vida, com base em princípios e valores (éticos morais e religiosos).

Educador mau preparado não terá êxito no seu trabalho escolar: Segundo Beant et. al. (1995), a autoestima afeta o aprendizado, neste contexto teórico da educação tratam como fator preponderante a construção de autoconhecimento do aluno e a afetividade como base na construção de laços fortes de confiança entre ambas as partes, ou seja, entre aluno/ professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na construção de uma sociedade escolar mais justa e solidária é refletir sobre os valores e afetos que fazem a diferença humana nas relações escolares no dia-a-dia. Através deste estudo foi possível confirmar as expectativas sobre a educação que MENEZES (2000, p.13) acredita como, “a boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana, preparando para a vida”.

Nesta perspectiva verifiquei que afetividade, moral e educação estão intrinsecamente ligadas à aprendizagem. A afetividade influencia de maneira significativa a forma pela qual os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral. A organização do pensamento prepondera o sentimento, e o sentir também configura a forma de pensar. Nesse sentido, a afetividade perpassa o funcionamento psíquico, assumindo papel organizativo nas ações e reações.

Ao destacar a capacidade moral autônoma de resolver os conflitos do cotidiano, busca-se pensar em uma escola que trabalhe o estado emocional de todos os profissionais de forma positiva, baseada na confiança, respeito, satisfação interna, para assim desempenhar de maneira eficiente seu papel.

Família e escola devem trabalhar juntas para ajudar a criança a desenvolver todas as partes de si mesma, de modo a ser livre para aprender e criar. Só o respeito à sua total originalidade permite à criança o desenvolvimento da própria capacidade individual.

A criança precoce ou não, aproveitará o apoio e a conversa franca sobre o seu crescimento. As crianças que se desenvolvem mais devagar irão se beneficiar muito com o desenvolvimento de habilidades específicas. A competência compensa o “fracasso” de um corpo franzino, ou de crescimento lento.

Apesar da consciência e das habilidades, a criança poderá se lamentar sobre seu desenvolvimento se esse estiver visivelmente em desacordo com o de seus companheiros. Logo, a apreciação da natureza humana é fundamental para a autoestima na vida de toda criança. Vale ressaltar que, os seres humanos adaptam-se e ajustam-se até mesmo aos ambientes psicológicos mais desfavoráveis, portanto, a tendência para um desenvolvimento sadio floresce até mesmo nas pessoas que tiveram poucos estímulos psicológicos e que já estão em idade avançada.

Algumas escolas adotam ainda práticas que valorizam o crescimento cognitivo dos alunos desconsiderando o emocional, por isso as crianças terão mais probabilidade de efetuar o que prometem se participarem de num clima que lhes permitam crescer no momento adequado, à sua própria maneira.

As crianças precisam de compreensão afetiva quando atravessar o difícil caminho da dependência para a independência. Se forem dados os elementos básicos necessários, elas só terão como alternativa gostar de si próprias.

Vale ressaltar que a criança saudável é verdadeira consigo mesma, o que lhe assegura a integridade pessoal. Ela faz o que pode com o que tem e isso lhe dá uma paz interior. Há um ditado popular que diz: “Eu não posso estar bem com alguém se não estou bem comigo mesmo”.

O que a criança sente em relação a si mesma afeta seu modo de viver. Uma autoestima elevada baseia-se na convicção que a criança tem que ser amada e valorizada, precisando saber que é importante justamente porque existe.

Ao sentir-se competente para lidar consigo mesma e com o ambiente que a cerca, a criança percebe que tem algo para oferecer aos outros, por isso a autoestima elevada não é pretensão: é a tranquila aceitação da criança em ser quem é.

É fundamental que os professores saibam que toda a criança tem o potencial de gostar de si mesma, e que aprende a ver a si mesma tal qual as pessoas importantes que a cercam a veem, pois, ela constrói sua autoimagem a partir das palavras, da linguagem corporal, das atitudes e dos julgamentos dos outros.

A promoção da afetividade é um terreno em que se torna difícil propor sugestões já que as necessidades das crianças são diferentes. Assim, por exemplo, o que é útil para uma criança impulsiva pode não ser para uma inibida, daí a necessidade do uso de recursos e metodologias variadas pelo professor.

Neste sentido, a escola deve ser um ambiente aberto ao debate da cidadania, da liberdade, da responsabilidade, da justiça social, do respeito. Uma organização que aprende e que seja capaz de ensinar. O aluno deve apresentar um comportamento ativo e livre no processo de aprendizagem, dando-lhe uma sensação de autodireção e decisão.

As escolas devem também se preocupar com a formação deste professor que hoje tem um perfil de mediador, de orientador no processo ensino-aprendizagem,

buscando ou formando profissionais que incluam em sua visão educacional a dimensão emocional como fundamental para o bom desempenho do aluno.

É importante ressaltar que o funcionamento psíquico humano não é composto somente pelos aspectos cognitivos, mas que os sentimentos e emoções também configuram o pensamento. Quanto mais humanos formos maior será a nossa capacidade de amar, mais divinos nos tornaremos.

A mente humana é o depósito de todas as experiências, de todos os condicionamentos que são delineados perante as exigências impostas. Faz parte da natureza errar: o grande desafio é saber aceitar as limitações e amar outros seres tão imperfeitos quanto nós.

Em um mundo cada vez mais conturbado, que exige uma formação maior dos profissionais da educação responsáveis pela educação moral e afetiva do ser humano, conseguir manter princípios coerentes, na forma de pensar sobre os desafios para a aprendizagem significativa, pode ser uma arma poderosa na mão de educadores conscientes de seu papel na sociedade.

Ter como características pessoais a manutenção de estados emocionais positivos, alegres, satisfeitos e felizes podem trazer consequências benéficas para a educação e para os alunos de maneira específica. Por outro lado, pessoas infelizes, tristes, tendem a demonstrar maior instabilidade em sua forma de resolver conflitos de natureza moral.

Em suma, hoje pensamos que educar significa também preocupar-se com a construção e organização da dimensão afetiva das pessoas, afinal a escola, para cumprir seu papel, deve ser um lugar de vida e, sobretudo, de sucesso e realização pessoal para alunos e professores. A experiência entre professor e aluno promove o ser, reduz a angústia, facilita os acertos da vida, conduzindo-os a vencer desafios da afetividade e educação na conquista da aprendizagem significativa.

Diante disso, observa-se que as crianças que vivem com expectativas realistas, encontros autênticos, cooperação nas tarefas da individualidade, aceitação compreensiva de todos os sentimentos, mesmo quando se limitam os atos e, disciplina democrática se sentirá amada.

Com esta sólida base interior, o potencial se expandirá, as crianças serão motivadas, criativas e terão um objetivo na vida. Elas se relacionarão bem com os outros, terão paz interior, resistência às tensões, e maior oportunidade de realizar

seus desejos. E é pela forma de relacionar-se com o outro que imaginamos como as pessoas são e sua influência dos relacionamentos infantis e juvenis na vida adulta.

Para BRIGGS (2000, p.27) “A chave da paz interior e da vida feliz é a autoestima elevada, pois é ela que está por trás de todo relacionamento bem-sucedido com os outros”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Celso. Alfabetização Emocional. São Paulo: Terra, 1996.
- BEAN, Reynold et al. Adolescentes Seguros: Como aumentar a autoestima dos jovens. São Paulo: Gente, 1995.
- BOCK, Ana M. Bahia et al. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BRASIL, MEC/SEF. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 2. Brasília, 1998.
- BRIGGS, Dorothy C. A auto-estima do seu filho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.
- FERRARI, Márcio. O teórico que incorporou o afeto à pedagogia. In: Revista Nova Escola, Abril/2004.
- GODOY, Eliete Aparecida de. Educação, afetividade e moral. Revista Educação e Ensino – USF. Bragança Paulista: v. 2. n. 1. p. 35. jan/jun., 1997.
- LUDKE, Menga. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.
- MENEZES, Luís Carlos. Os Novos Rumos da Educação. Revista Impressão Pedagógica. Campinas. São Paulo: Gráfica Expoente. v.9.n.21. mar/abr., 2000.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sóciohistórico. São Paulo: Scipione, 1998.
- SEBER, Maria da Glória. Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997.
- SISTO, Fernandes Firmino et al. Leitura de Psicologias para formação de Professores. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- TIBA, Içami. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1999.
- TIBA, Içami. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1999.
- _____. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Volume 1 – nº 1 – 2010.